

# “Nós” do Brasil

ESTUDOS DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

**Rosiane Rodrigues**

**SUPLEMENTO DIDÁTICO**

Sugestões de atividades elaboradas por

**Rosiane Rodrigues** — Jornalista com especialização em História do Holocausto pelo Museu Yad Vashen (Jerusalém, Israel) e pós-graduada em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet-RJ).

**Samir Thomaz** — Jornalista com especialização em globalização e cultura, autor de ficção e não ficção e editor de filosofia na Editora Moderna.

## A OBRA

“A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica.” (Bhabha, 2008:21).

O livro *“Nós” do Brasil* foi estruturado para servir como ferramenta pedagógica à aplicação dos conteúdos programáticos das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Essa legislação, que tornou obrigatório o estudo de História da África, dos africanos, dos negros e indígenas brasileiros, nas redes pública e privada de ensino, nos níveis Fundamental e Médio, em todo território nacional, provocou uma reformulação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) por meio dos artigos 26-A e 79-B.

As leis indicam que os conteúdos devem ser trabalhados em todo currículo escolar. Desta forma, o *“Nós” do Brasil* pretende apresentar temáticas que possam ser usadas nas áreas de Educação Artística, Literatura, História, Geografia, Filosofia, Sociologia e Língua Portuguesa, sem esbarrar nos “chavões” que, de certa forma, mistificam a apresentação desses conteúdos. Ao contrário, nossa proposta é justamente explicitar a construção dos muitos preconceitos que rondam as histórias, as expressões artísticas e culturais presentes nas relações de africanos, afrodescendentes e indígenas no Brasil.

Sabemos que a educação escolar tem importância fundamental na superação das desigualdades raciais e no combate ao racismo que, segundo muitos pesquisadores, vêm recrudescendo entre os jovens, principalmente dentro da sala de aula. O *“Nós” do Brasil*, seguindo o parecer 003/2004, do Conselho Nacional de Educação, tem a preocupação de fazer com que os estudantes entendam como foram instituídos os medos relativos aos negros e indígenas – que, de perigosos a estáveis politicamente, passaram a ser tratados como responsáveis pelo fraco desenvolvimento do país – e a construção dos estereótipos que rondam ciganos e judeus – que, apesar da pele clara e da origem europeia, sempre foram consideradas populações não brancas.

As Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 surgem como um meio para apresentarmos uma perspectiva (não eurocêntrica) de ver o mundo, pela qual podemos

entrar em contato com as muitas identidades negras, indígenas e europeias, presentes desde os primeiros anos da colonização. Isso sem falar naquilo que talvez seja a possibilidade mais importante: o resgate da autoestima de milhões de jovens e adultos que, por séculos, devido a maneira como lhes foram contadas, ressentiram-se de suas histórias, e, por este motivo, não tiveram a oportunidade de orgulhar-se de seus antepassados.

Este suplemento foi desenvolvido com o intuito de contribuir não só com dicas de filmes, *sites* e atividades pedagógicas, mas também com reflexões que ajudem a aprofundar os temas propostos e a desmistificar as temáticas africanas e indígenas dentro da escola.

## ALGUNS OBJETIVOS PROPOSTOS PELO LIVRO “NÓS” DO BRASIL

### Temas abordados

- Apresentar algumas das muitas possibilidades decorrentes do estudo da História da África: sua relevância para o desenvolvimento da humanidade, divisões políticas e regionais, a colonização pelos países europeus e uma reflexão acerca dos processos escravagistas que ocorreram em várias partes do mundo.
- Demonstrar a diversidade cultural e étnica do Brasil, a partir de um olhar não eurocêntrico e comprometido com a desconstrução de estereótipos e estigmas das muitas populações de autóctones e de migrantes que aqui chegaram – fosse por força da escravização ou da imigração étnica.
- Apresentar positivamente as diferenças entre africanos, europeus e indígenas, ampliando a compreensão de jovens e adultos sobre os processos de colonização e homogeneização cultural decorridos das políticas eugênicas praticadas no país.
- Identificar algumas lutas e resistências ocorridas nos vários pontos do país, com o objetivo de propor uma reflexão sobre a suposta “passividade” apregoada aos povos escravizados.

- Rediscutir e recolocar o debate da mestiçagem e do branqueamento cultural das populações brasileiras de acordo com a produção epistemológica atual.

## **POR QUE TRABALHAR COM “NÓS” DO BRASIL?**

Educar para a diversidade é reconhecer e respeitar o que é diferente. O reconhecimento positivo das diferenças tem sido tema central na prática escolar em muitos países que se desenvolveram sob a colonização de potências europeias. Índia, Angola, Argélia, Canadá, Austrália, Brasil, entre muitos outros, começaram nas últimas décadas – impulsionados pelos processos de descolonização cultural e redemocratização desses países – a produzir uma nova forma de abordar temas relativos às suas próprias histórias e ao modo como suas populações eram (ou ainda são) apresentadas (e representadas) pelos colonizadores e que se perpetuaram coletivamente. Esse processo tem implicado, necessariamente, em reconhecer e valorizar suas diferenças, trazendo para o centro das discussões as suas próprias experiências de resistência e negociação ante a opressão. Neste sentido, as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, em acordo com os avanços em nível mundial quanto ao reconhecimento e à valorização das diferenças, tornam o ensino brasileiro comprometido com a possibilidade de um projeto pedagógico anticolonial, que inclua e resgate a importância das chamadas “minorias étnicas” nas cenas do país.

O “*Nós*” do Brasil tem o compromisso de apresentar conteúdos, a partir de estudos e pesquisas realizados por cientistas respeitados, que desconstruam estigmas e preconceitos que, de muitas maneiras, foram instituídos e forjados como estratégias de dominação colonial. Em essência, esta é a proposta didático-pedagógica deste livro: iniciar os jovens e adultos aos muitos embates e debates que ainda hoje embotam os horizontes com intuito de fazê-los refletir quando tratamos de temas como racismo, preconceito, colonização, exclusão, resistência, cor da pele, escravidão e memória.

## **SUGESTÃO DE PROJETO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO MÉDIO (1º, 2º E 3º ANOS) E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**Temas transversais:** Diversidade; Memória; Multiculturalismo; Intolerância; Racismo; Gênero.

**Trabalho Interdisciplinar:** História; Geografia; Língua Portuguesa; Literatura; Sociologia; Filosofia.

## **SUGESTÕES DE ATIVIDADES**

### **Atividades para antes da leitura**

1. Inicialmente, perguntar aos alunos que ideias eles têm sobre as questões étnico-raciais. As respostas, seja de que natureza for, devem ser orais e livres. O objetivo dessa primeira abordagem é conhecer a opinião geral da turma sobre o tema a ser estudado. Observar se o clima é de interesse, indiferença ou rejeição ao tema.

2. Num segundo momento, identificar entre os alunos a origem étnica de cada um deles. Questionar como é a relação deles entre seus iguais e com as pessoas de outras etnias. Sondar se há algum caso curioso ou polêmico na família ou entre os amigos envolvendo essa questão. O momento é de uma prospecção inicial para sentir a percepção dos alunos quanto às questões que envolvem relações étnico-raciais.

3. Realizando um diagnóstico da turma: reúna os alunos e faça um levantamento sobre suas compreensões relativas ao continente africano, aos indígenas e a outros grupos abordados no livro. Liste na lousa, para que fique bem visível, as impressões deles. Peça a um estudante que anote todas as impressões – que devem ser traduzidas em poucas palavras – em uma folha de caderno. Guarde-a. Você pode começar perguntando quem é que já quis ir a algum país da África ou quem conhece uma aldeia indígena.

4. A partir do retorno dos alunos, você poderá identificar qual capítulo do livro causará maior sensibilização.

O livro “*Nós do Brasil*” possui uma formatação própria. Ele não precisa ser lido em sequência, do início ao fim. Sua estrutura foi pensada para que o professor, ao identificar os maiores questionamentos e dificuldades da turma em relação ao estudo do continente africano e de seus descendentes, assim como o dos imigrantes e dos povos autóctones do Brasil, possa acessar seus conteúdos de forma a garantir maior facilidade na apresentação dos temas desenvolvidos.

Para reflexão do professor: É possível que você perceba que alguns preconceitos relativos a expressões religiosas dos africanos e indígenas apareçam. Essa é uma questão que tem sido levantada por professores e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento e, de fato, já existem muitos estudos que verificaram que esse é um problema a ser enfrentado em sala de aula. O Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (Ineac) e o Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas (Nufep), da Universidade Federal Fluminense, desenvolvem o projeto de pesquisa “Identidades e Intolerâncias no espaço escolar: repensando as formas de administração de conflitos”. Os primeiros resultados da pesquisa, divulgados no seminário “As violências e intolerâncias no ambiente escolar”, você acessa no *link* <<http://ufftube.uff.br/video/X6R9US9A2NK1/Semin%C3%A1rio--As-violencias-e-as-intolerancias-no-cotidiano-escolar--Mesa-1->>>. Acesso em: 21 set. 2012.

Neste caso, uma possibilidade é iniciar a leitura do livro pelo capítulo 5, que trata do surgimento do primeiro povo a utilizar a escrita para comunicar suas próprias ideias e valores morais. Não é por acaso que o “*Nós do Brasil*” traz um pouco da história do povo judeu. O propósito não é o de discutir religiões, mas o de demonstrar que tanto o cristianismo quanto o islamismo e o judaísmo têm origens culturais comuns e já estavam presentes no continente africano muito antes de os portugueses chegarem, no final do século XV.

Outra possibilidade é a de que o processo escravagista – que no Brasil “coisificou” as pessoas

de pele negra – cause desconforto nos estudantes. Nesse caso, você pode sugerir que eles pesquisem sociedades que praticaram (e algumas que ainda praticam) o comércio de seres humanos. Na página 25, quando tratamos dos sistemas escravocratas, trazemos notícias de crianças europeias sendo escravizadas, em pleno século XXI.

Na fase de sensibilização da turma – que pode acontecer antes de você realizar o diagnóstico – em relação à temática étnico-racial, seria interessante passar aos alunos o filme “Olhos Azuis”, um documentário de Jane Elliot (93 min). O filme trata de uma experiência polêmica da professora americana Jane Elliot, cujo objetivo é o de levar pessoas brancas dos Estados Unidos a sentirem, na própria pele, o sofrimento causado pelo racismo. O vídeo está disponível no *link* <<http://www.youtube.com/watch?v=Tnrh7KRMiU8>> e é legendado. (Acesso em: 21 set. 2012). Essa atividade pode reunir vários professores e ser feita em conjunto as disciplinas de Filosofia, História e Sociologia.

Ao final, promova um debate com a turma, fazendo com que eles reflitam sobre o objetivo do filme, trazendo suas experiências. Lembre-se de que esse deve ser um espaço para que eles opinem. Desta forma, o diagnóstico da turma fica mais fácil e todos poderão sentir-se incluídos.

## Atividades para durante a leitura

**1. Durante as aulas de Português e Educação Artística.** Sobre o Egito: Peça aos alunos que assistam ao clip da música *Remember the Time* (Lembrar o tempo), de Michael Jackson, disponível no *link* <<http://www.youtube.com/watch?v=LeiFF0gvqcc>>. Acesso em: 21 set. 2012. Duração: 9 min.

Logo em seguida, passe o filme *A negação do Brasil*, documentário de Joel Zito da Silva, disponível no *link* <<http://www.youtube.com/watch?v=Z9B9ryJP4t0>>. Acesso em: 21 set. 2012. Duração: 90 min. O filme conta a história dos atores negros nas telenovelas no Brasil e analisa o papel desses atores. Você pode pedir aos estudantes que

assistam ao filme em casa, em grupo. O objetivo é que eles preparem uma redação, individual ou em grupo, comparando o *clip* de Michael Jackson com a produção das telenovelas no Brasil. Peça a eles que avaliem o que Michael Jackson quis demonstrar ao utilizar somente atores negros no *clip* da música, em oposição ao filme brasileiro. Qual o impacto que Michael Jackson quis causar? Ele estava influenciado por alguma teoria científica ou sua ideia de representar todos os egípcios como negros era uma crítica ao modelo de beleza americano? Como as expressões artísticas podem ser usadas para representarem ideias de uma determinada época?

**2. Durante as aulas de História e Geografia.** Divida a turma em grupos e proponha que realizem pesquisas sobre ocorrências de construções em forma de pirâmides em outros locais do mundo. Em que continentes estão localizadas? Quais as diferenças observadas nessas construções em relação às pirâmides egípcias e em que período elas, possivelmente, foram construídas? Que tecnologias os povos antigos utilizaram para construí-las? Quem eram e como viviam esses outros povos que construíram pirâmides em outros locais do mundo?

Os resultados desses trabalhos podem ser apresentados como uma exposição para toda a escola.

**3. Durante as aulas de História, Sociologia e Educação Artística.** Sobre esquecimento e memória: um celular na mão e um roteiro na cabeça! Peça aos alunos que entrevistem pessoas do seu convívio. Pode ser a diretora da escola, o padeiro, a vizinha. Peça a eles que selecionem essas pessoas e gravem as conversas no celular. O objetivo é saber sobre o passado delas, quem foram seus avós, de onde vieram e o que faziam. Oriente a turma para que as pessoas selecionadas possam relembrar fatos sobre a história do bairro ou de determinada localidade, como foi que chegaram até ali, como eram os seus antepassados... No final, depois de montadas e editadas, as entrevistas podem ser transformadas em filme, para ser veiculado

em vídeo ou no computador. Esse trabalho pode ser realizado também com as famílias dos estudantes.

Proposta de reflexão com os professores de Filosofia: Sobre a condição do escravizado e as mitologias. O processo de reflexão sobre os temas propostos no “*Nós do Brasil*” é transversal ao projeto didático-pedagógico do livro. Nas páginas 89 e 90, quando tratamos de xenofobia e xenofilia, podemos usar como referência para as mitologias africanas, em comparação à mitologia grega, os vídeos <<http://www.youtube.com/watch?v=Ftr5VI4vIRs&feature=endscreen&NR=1>> e <[http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&v=I7nZSWQf\\_2Y&NR=1](http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&v=I7nZSWQf_2Y&NR=1)>, da palestra do filósofo e educador Renato Nogueira, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O artigo “Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado”, você encontra no *link* <[http://www.africaeaficanidades.com/documentos/01112010\\_02.pdf](http://www.africaeaficanidades.com/documentos/01112010_02.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2012. Outro pesquisador que ajuda pensar sobre a condição do escravo é o professor Michel Misse, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no artigo “O Senhor e o Escravo – Tipos Limites de Dominação e Estratificação”, disponível em: <<http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/images/6O%20senhor%20e%20o%20escravo.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2012.

**4. Multidisciplinar.** Sobre os povos indígenas. Tradicionalmente a temática indígena é tema das aulas de História. Porém, de acordo com a perspectiva das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, podemos pensar em trabalhar os conteúdos do capítulo 2 junto às várias disciplinas, pensando nas muitas possibilidades para a Educação Artística (pinturas em pedras, cerâmicas, pinturas corporais, confecção de instrumentos musicais, *hip-hop* indígena etc.), Geografia (desterritorialização das aldeias, locais de concentração e dispersão dos povos indígenas no Brasil), Literatura (os livros e *sites* produzidos pelos próprios povos indígenas, cujos conteúdos encontram-se disponibilizados na internet; a passagem da oralidade para a escrita desses povos) e Língua Portuguesa (muitas palavras utilizadas pelos

brasileiros têm origem nos idiomas indígenas). O fato é que existe muito material para isso.

Neste caso, podemos elaborar uma série de atividades de pesquisas que não só reforçam o conteúdo apresentado no livro “*Nós do Brasil*”, como também ajudam a desvendar um pouco da vida e dos costumes desses povos. Então, mãos à obra!

**Sugestão para as aulas de Educação Artística e Literatura:** A ideia é sair do lugar-comum e refletir como os povos indígenas estão acessando as tecnologias e expressões artísticas para fazerem a sua própria arte, de acordo com suas compreensões de mundo. O primeiro grupo de *hip-hop* indígena do Brasil tem vídeo disponível no *link* <<http://www.youtube.com/watch?v=w2MkxnY-TK8>>. Acesso em: 21 set. 2012.

Neste outro *link* <<http://www.youtube.com/watch?v=wN3IIkXMQRw&feature=related>>, você acessa uma canção tradicional dos povos Guarani “Oreru nhamandú tupã oreru” (“Nossos pais são o sol e o trovão”, tradução sugerida).

O *site* <[www.ikpeng.org](http://www.ikpeng.org)> é produzido pelos próprios indígenas ikpeng, diretamente de sua aldeia, no Parque Nacional do Xingu (MS), e traz filmes, desenhos, mitologia e projetos educacionais que envolvem fotografias e pinturas. Com essa mesma perspectiva, a aldeia Kamayurá disponibiliza conteúdo no *site* <[www.kamayura.org](http://www.kamayura.org)>. Acesso em: 21 set. 2012.

Proponha, a partir desses vídeos, que os alunos componham uma música – pode ser um *funk*, um samba, um *hip-hop* – ou uma peça de teatro com intuito de mostrarem suas próprias compreensões sobre a temática indígena. Os trabalhos podem ser feitos em grupos e apresentados para toda a escola.

**Para refletir sobre o conceito de genocídio:** O documentário “À sombra de um delírio verde” (29 min.) é uma produção que envolveu Brasil, Argentina e Bélgica. O filme mostra como os Guarani Kaiowa, maior comunidade indígena do país, vêm sendo expulsos de seus territórios pelos interesses econômicos. Disponível em: <<http://vimeo.com/32440717>>. Acesso em: 21 set. 2012.

Sugestão de filmes para ajudar na reflexão dos professores sobre a temática. São longa-metragens que apresentam, de forma ampla, os conflitos entre europeus e indígenas, no início da colonização europeia no século XVI. Os títulos que seguem não estão disponíveis na internet:

**Como era gostoso o meu francês**, de Nelson Pereira dos Santos (1970). No Brasil de 1594, um aventureiro francês fica prisioneiro dos Tupinambás e escapa da morte graças aos seus conhecimentos de artilharia. Enquanto aguarda ser executado, o francês aprende os hábitos dos Tupinambás e se une a uma índia, para, por meio dela, descobrir onde está enterrado um tesouro. Logo depois, ele decide fugir. A índia se recusa a segui-lo e, após a batalha com a tribo inimiga, o chefe Cunhambebe marca a data da execução: o ritual antropofágico será parte das comemorações pela vitória.

**A missão**, de Roland Joffé, com Robert De Niro (1986). No final do século XVIII, um mercador de escravos sente-se culpado por ter matado seu irmão. Ao tentar se autopenitenciar, torna-se um padre e se une a um jesuíta bem-intencionado, que luta para defender os índios, mas se depara com interesses econômicos.

**1492: A conquista do paraíso**, de Ridley Scott, com Gérard Depardieu (1992). O filme retrata 20 anos da vida de Cristovão Colombo, o desastroso comportamento que os europeus tiveram com os habitantes do Novo Mundo e a luta de Colombo para colonizar o continente, além de sua decadência na velhice.

**5. Durante as aulas de História, Geografia e Sociologia.** Sobre os Quilombos: A temática relativa aos quilombolas é fundamental para a compreensão das lutas e negociações entre escravizados e senhores. Uma boa atividade é a exibição do filme “Ganga Zumba”, de Carlos Diegues (1963). Você pode fazer *download* do filme no *link*: <<http://www.filmesepicos.com/2010/08/ganga-zumba-1963.html>>. Acesso em: 21 set. 2012. Logo em seguida, proponha um debate com os estudantes,

divida-os em grupos e proponha pesquisas sobre os quilombos existentes em seu estado.

Outro filme de Carlos Diegues, *Quilombo* (1984), é considerado também uma obra referencial do cinema brasileiro sobre o tema e está disponível no *link* <<http://www.youtube.com/watch?v=Nz-K23krfVY&feature=related>>. Acesso em: 21 set. 2012.

A historiadora e professora Hebe Mattos, da Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro, coordenou o projeto “Memórias do Cativo”, sobre o quilombo São José, no interior do estado do Rio. Os resultados podem ser acessados no *site* do Labhoi (Laboratório de História Oral e Imagem), da Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <<http://www.labhoi.uff.br/node/58>>. Acesso em: 21 set. 2012. Como é um trabalho de referência, você pode usá-lo para encontrar semelhanças e diferenças nas narrativas quilombolas da sua cidade ou estado. O Labhoi também produziu *Jongos, calangos e folias, música negra, memória e poesia* (2007), *Versos e Cacetes, Jogo do pau na cultura afro-fluminense* (2009) e *Passados presentes*.

O projeto GeografAR, coordenado pela professora e geógrafa Guiomar Inez Gomes, da Universidade Federal da Bahia, produz pesquisas e mantém informações atualizadas sobre os quilombos na Bahia. Disponível em: <<http://www.geografar.ufba.br/site/main.php?page=bib-publicacoes>>. Acesso em: 21 set. 2012.

## 6. Sugestão de filmes e documentários:

Esses filmes são sugeridos para ajudarem na reflexão dos muitos temas transversais que compõem o conteúdo das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

**Gênero, expressões e exclusão social:** *Sou feia, mas tô na moda*, documentário de Denise Garcia (2005). Denise Garcia percorreu bailes *funk* durante um ano e documentou as *performances* e o dia a dia de artistas que fazem o movimento do funk carioca, em especial as *funkeiras* como Deise da Injeção, Vanessinha Pikachú, Tati Quebra-Barraco e diversos “bondes” de meninas. Você acessa o *link* em: <<http://vimeo.com/14325487>>. Acesso em: 21 set. 2012.

**Gênero e religiosidade:** “Cidade das mulheres”, documentário de Lázaro Faria, que homenageia a antropóloga Ruth Landes e retrata a vida das mulheres de Axé na Bahia. Em 2005, foi vencedor do prêmio Tatu de Ouro, da Jornada Internacional de Cinema da Bahia. Você acessa o *trailer* do filme no *link* <<http://www.youtube.com/watch?v=XFppTQADWEo>>. Acesso em: 21 set. 2012.

## Atividades para depois da leitura

1. No final da leitura do livro “*Nós do Brasil*” você pode discutir com a turma as impressões registradas na fase do diagnóstico. Elas continuaram as mesmas após a leitura? O que mudou? Qual tema deve ser mais aprofundado e qual foi o mais difícil? A partir das respostas dos alunos, promova um debate entre eles, com base nas anotações da primeira abordagem feita em sala de aula.

2. Pedir aos alunos que expliquem o que foi o neocolonialismo do século XIX, que está na origem da formação geopolítica atual do continente africano. Se preferir, solicitar a eles que construam uma tabela para que visualizem mais claramente as seis macrorregiões desse continente, segundo o sociólogo José Maria Nunes Pereira. A mesma tabela pode servir para que indiquem quais países foram colonizados por quais potências econômicas europeias daquele período. Durante a realização dessa atividade, pedir aos alunos que definam a expressão “balconização colonial”.

3. Dividir os alunos em grupos para uma pesquisa sobre a Revolta da Chibata. Pedir a eles que levantem informações sobre a motivação do movimento, quem foram os envolvidos, quem o liderou e como foi o desfecho dessa revolta. Para inspirar a pesquisa, sugira aos alunos a audição da música “Mestre-sala dos mares”, de Aldir Blanc e João Bosco, na interpretação de Elis Regina.

4. Ao longo do livro, a autora reitera que, na história, nenhuma conquista é obtida sem luta. Segundo ela, em geral são os movimentos sociais que impulsionam as mudanças em uma sociedade. Organizar os alunos em duplas para que escolham um movimento social brasileiro e escrevam um

texto de no máximo 20 linhas sobre ele. Lembrar a eles que, nas lutas sociais, nem sempre os bons sentimentos prevalecem, mas interesses econômicos e políticos, como ocorreu com a libertação dos escravos, em 1888.

5. Dividir a turma em grupos para uma pesquisa sobre a Biblioteca de Alexandria. Se preferir, metade dos grupos pode pesquisar sobre a biblioteca antiga e a outra metade sobre a biblioteca atual, reinaugurada em 2002. Ambas as pesquisas devem enfatizar a importância desse centro de pesquisa para a região onde se localiza, tanto na Antiguidade como no mundo atual.

6. Perguntar aos alunos, com o propósito de uma discussão informal em sala de aula, se eles conhecem pessoas que destoam do estereótipo que delas se espera. Por exemplo, afrodescendentes que não gostam de samba, nordestinos que não dançam forró, descendentes de italiano que não gostam de pizza, brasileiros que não gostam de futebol ou carnaval. A ideia é promover uma pequena provocação a partir de exemplos e contraexemplos para que os alunos adquiram consciência crítica sobre o conceito de estereótipo.

7. Dividir a classe em grupos e pedir a eles uma pesquisa sobre uma lenda ou um mito de cada um dos povos citados no livro: africanos, árabes, orientais, ciganos, indígenas, europeus, muçulmanos, judeus. Para que nenhum povo fique sem ser pesquisado, a decisão sobre o tema de cada grupo pode ser definida por sorteio.

8. Pedir aos alunos que tragam para discussão em sala de aula um caso em que uma versão da história tenha sido desmentida ou alterada com o passar do tempo. Como exemplo pode ser tomado o 13 de Maio, por muito tempo a data em que se comemorou a libertação dos escravos. Hoje, sabe-se que a história não foi bem assim e que os afrodescendentes comemoram esse evento em outra data.

9. Solicitar aos alunos que pesquisem em casa cinco palavras originadas das culturas que formaram o povo brasileiro citadas no livro:

africanas, indígenas, europeias, judias, muçulmanas e orientais. Ao final, podem-se juntar as palavras e fazer um miniglossário para uso dos próprios alunos. Orientá-los para que deem ao glossário um formato parecido com o de um dicionário, com verbete organizado em ordem alfabética, origem da palavra e seu significado.

10. Deixá-los livres para desenvolverem sua redação, porém lembrá-los de que o texto deve ter alguma conexão com os temas estudados no livro.

11. Pedir aos alunos que tragam recortes de jornal ou revista sobre a xenofobia na Europa contemporânea. As notícias podem ser selecionadas e expostas no mural da sala para serem compartilhadas entre os alunos.

12. Propor à turma a formação de uma mesa-redonda para discutir o tema das cotas nas universidades. Num primeiro momento, numa sondagem simples, pode-se averiguar quais alunos, em princípio, são a favor das cotas e quais são contra. Caso haja uma divisão mais ou menos igualitária entre as opiniões, é um bom momento para dividir a turma entre os dois grupos e solicitar a eles um debate, cabendo ao professor o papel de mediador. Caso a divisão não seja equilibrada, deve-se escolher os membros que queiram integrar as mesas para que o debate seja possível.

13. A discussão deve ser conduzida com cuidado, para que não haja excessos nem ofensas nas opiniões. É uma boa oportunidade para os alunos aprenderem a respeitar a opinião do outro, mas também para formar a sua própria ou, com base na opinião alheia, rever seus conceitos.

14. Assim como a escravidão, que já foi considerada normal, pedir aos alunos que identifiquem algum fato social da atualidade que eles considerem absurdo. Algo que, daqui a alguns anos, eles achem que causará espanto nas pessoas quando souberem que um dia isso já foi considerado normal.

15. No final da leitura e dos trabalhos sobre o tema do livro, pedir aos alunos, informalmente, que respondam à pergunta: Quem somos nós?